



RELATO DE EXPERIÊNCIA\*

**DESCOBERTAS E POSSIBILIDADES QUANTO A POVOS NATIVOS EM QUIRINÓPOLIS, A PARTIR DA “ACULTURAÇÃO”, “ASSIMILAÇÃO” E “TRANSCULTURAÇÃO”: VISITA AOS VESTÍGIOS DE POVOS ORIGINÁRIOS NA FAZENDA SETE LAGOAS CÓRREGO BONITO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.**

Silvio Ricardo Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:**

No sertão, nesse evidenciado e negado papel real na história brasileira, os “sem lei, sem rei e sem fé”, estavam à mercê dos colonizadores, a partir de sua intromissão nesse mundo e de seu policiamento lusitano, para submeter os indígenas ao seu bel prazer, destituindo-os de suas originalidades, a partir da imposição da fé católica. O livro *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*, de autoria de Pedro Paulo Funari e Ana Pinón, dentre todos os livros citados nesse capítulo, foi o que me chamou mais atenção pelo fato de trazer os termos “aculturação” e “assimilação”, e ainda “transculturação”, tendo assim uma boa possibilidade de trabalho didático pedagógico, possibilitando relevância na assimilação imposta aos povos indígenas, sem direito ao sertão (tapuia) e ser tão índios. E para tanto, a descoberta de um possível sítio com vestígios indígenas, em nossa região, é imensurável!

**Palavras-chaves:** Indígena, descoberta, escola, palestra.

**Abstract:**

In the Brazilian hinterlands, where the "lawless, kingless and faithless" - whose role have been denied by Brazilian historiography - were at the mercy of the colonizers, their intrusion into their world and the Lusitanian policing who subjected the indigenous people to their will, removing them from its originalities whilst imposing upon them the Catholic faith. The book "*A temática indígena na escola: subsídios para os professores*", by Pedro Paulo

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia e pós graduado em Cultura, diversidade e meio ambiente em UEG-UnU Quirinópolis, Professor em João Antônio Barbosa, Quirinópolis-GO.

[silvioricvardocarvalhoc@gmail.com](mailto:silvioricvardocarvalhoc@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/1599399627516831>

\* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 2ª ED. REALIZADO PELO GRUPO DE TRABALHO EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENAS DA ANPUH-GO E UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. DE 12 DE FEVEREIRO A 09 DE ABRIL DE 2022.



Funari and Ana Pinón, among all the books cited in this work, caught my attention because it brought the terms “acculturation” and “assimilation”, or even “transculturation”, thus allowing the possibility of pedagogical and didactic work, enabling the apprehension of the likely assimilation imposed on the indigenous peoples, destituted from their right to the hinterlands (tapuia) and their very identity as natives. Therefore, the discovery of a possible archeological site with indigenous vestiges in our region is of immeasurable value, hence the present work.

**Keywords:** Indigenous, discovery, school, lecture.

## **Introdução**

A presente proposta, mister a partir do incentivo pelos estudos desse proveitoso curso de história indígena, se imiscui na condição de ser objetiva quanto ao fator de indicar uma nova possibilidade, na educação municipal de Quirinópolis, para uma nova visão e vertente de possibilidades, quando ao ensino sobre o saber indígena, tendo o povo original, nativo, como protagonista, a partir de subsídios encontrados nas etapas de desenvolvimento dessa atividade, aliadas a uma pequena pesquisa de campo com uma palestra sobre sua realização para os alunos do 4º, 6º e 7º anos da Escola Municipal Rural, João Antônio Barbosa. E para tanto, foi utilizado como referência para essa culminância, o dia mundial da água, 22 de março, para ações do cuidar e se integrar a Terra, e, também outra visita a campo, numa propriedade rural que possui grandes arquétipos quanto ao cuidar dos recursos hídricos. A razão para tanto se deve ao fato desses povos nativos serem totalmente integrados aos ciclos da natureza, sendo deles totalmente dependentes, provocando uma relação de respeito e troca.

**Etapas de desenvolvimento da proposta:** na primeira parte, visita de campo a propriedade rural, vizinha da professora Deucimar, que ocorreu dia 20 de março de 2022, para registros fotográficos e coleta de campo (vide anexos), a fim de encontrar possíveis vestígios de cerâmicas muito antigas ou outro tipo de material, no local, que possa sugerir que houve a presença de povos na região, antigos e tradicionais. Em uma segunda parte, de culminância, apresentar os resultados aos alunos do 4º e 6º anos da escola Rural João Antônio Barbosa, por meio de palestra, com atividades lúdicas e didáticas para os educandos, já realizadas (vide anexos).



**Recursos e materiais didáticos:**

- Papel A 4 e lápis de cor;
- Texto xerocopiado sobre o assunto;
- Utilização de Data Show e multimídias;
- Aparelho de som;
- Exposição do acervo encontrado.

**Cronograma:**

- 20 de março de 2022 será feita a visita de campo aos vestígios;
- 22 e 25 de março de 2022 (sexta feira) serão a culminância do projeto, com palestras e visita de campo.

**Desenvolvimento:**

Para evolução desse projeto, de forma simples e direta, estaremos promovendo os resultados dessa curta, mas imensa em possibilidades, atividade de campo, aliada ao poder realizador da promoção de educar por meio de ações positivas, mostrando a efetivação dessa proposta por meio de palestra com exposição de fotos, para os alunos, sobre a importância do indígena em nossa história. Dessa feita, é importantíssimo o registro do depoimento do nosso guia ao local, e morador da região, Luciney Joaquim dos Santos, que reside na Fazenda Córrego Bonito, muito próximo ao local dos vestígios encontrados, na região da Sete Lagoas. Segue:

“O meu pai Jesus Joaquim dos Santos foi quem comprou a propriedade em mata, há mais de 50 anos, desbravou e assim, encontrou os vestígios de povos originários. Ao meu ver, os verdadeiros donos da terra, pois estavam aqui bem antes de nós, que por falta de conhecimento, respeito, os expulsamos e dizíamos todos, sem compaixão. Por pura ignorância. Bem, meu pai teve que vender essa área, por questão de quitar dívidas, o que foi uma perda muito grande, em todos os sentidos”. Seguindo com os relatos orais, muito importantes, a professora Deucimar fez uma importante colocação, sobre o Sr. Jordelino, morador antigo da região, já falecido e que era um andarilho do local, conhecendo tudo e todos, praticamente. Segundo ela, “ele relatava que já haviam, nas proximidades do local, panelas, caldeirões e artefatos de pedras, possivelmente indígenas. Que existem dois pés de manga, na propriedade do Sr. Jesus, meu sogro, dentro da mata, que o mesmo relata já estarem adultos



quando da sua chegada. Assim ele afirmava que quem plantou, provavelmente, foram os bandeirantes, os mesmos que exterminaram esses povos originários, através do sertanismo de contrato, dizimando todos eles na região, restando somente esses possíveis sítios arqueológicos, pra futuras e imensas possibilidades de pesquisas científicas, na tentativa de identificar e descobrir os povos nativos que viveram por um período ou passaram em nosso município, em razão de que não há nenhum tipo de registro escrito sobre essas possibilidades. Isso é muito importante. E é uma imensa honra pra nós, poder fazer esses relatos pra você, Silvio”.

### **OBJETIVOS:**

#### **GERAL**

- Promover o incentivo ao aprendizado sobre a história indígena pela educação, por meio de palestras sobre o tema a partir do nosso lugar, através da apresentação de possíveis vestígios de povos nativos.

#### **ESPECÍFICOS**

- Desenvolver a importância da história indígena;
- Despertar o desejo de melhorar a busca pelo aprendizado sobre comunidades tradicionais;
- Promover desenvolvimento de atividades que resgatem o valor verdadeiro do índio.

### **JUSTIFICATIVA:**

A educação se compõe a partir de diversos elementos de saberes, onde o saber tradicional, especialmente o indígena, reordenando sua história em nosso lugar de origem, ou buscando essa possibilidade, é preponderante. Especialmente para o desenvolvimento de um saber que edifica o indígena como protagonista de sua história e não um coadjuvante da nossa “eurocentração”. Para tanto, pretende-se promover a educação para esse fim, através da prática de palestras e atividades que possibilite esse justo resgate, como visita a propriedades rurais para ações de preservação da natureza, em função do dia da água.

Desse modo, no sertão, nesse evidenciado e negado papel real na história brasileira, os “sem lei, sem rei e sem fé”, estavam à mercê dos colonizadores, a partir de sua intromissão nesse mundo e do seu policiamento lusitano, para submeter os indígenas ao seu bel prazer,



destituindo-os de suas originalidades, a partir da imposição da fé católica, permitindo desse modo, para facilitar a doutrinação, somente costumes originais desses povos que os mantivessem mais completos na alienação, como danças, cantos e alguns ritos que podiam ser absorvidos pela “fé”, aquela permitida pelos missionários. Isso fica muito evidente em nossa história, especialmente a partir dos livros didáticos utilizados para fins de estudo nas escolas.

“A História do Brasil (vem) evidenciando o negado protagonismo indígena desde o período inicial da colonização portuguesa no século XVI com os aldeamentos missionários. Sobre o século XIX, a obra revela como foram as imagens formuladas sobre os povos indígenas durante o período monárquico e evidencia a participação dos índios nas revoltas provinciais.” (p. 261)

A participação indígena em nossa formação precisa ir muito além da fuga, da captura e da escravização, determinada a partir das incursões colonialistas do litoral adentrando o sertão. Assim, a partir de pontos estratégicos no litoral, os lusitanos viam o interior da colônia como esse sertão, que precisava ser domado em sua indolência e resistência natural. A partir daí, o que mais se tem como registros históricos sobre essas tomadas de ações, são pautadas em visões eurocêntricas, tomando de assalto toda a história dos povos originais, não lhes restando outra alternativa, quando daqueles tempos de se embrenhar no sertão, e, nos tempos de hoje, se embrenhar nas cidades como possibilidade de sobrevivência, se embriagando dos vícios dos tempos coloniais, ainda impostos nos dias presentes. Sem lei, sem rei, sem fé e sem terras, eles ainda lutam, pelo seu real e verdadeiro protagonismo. Esse que, enquanto educadores, temos que ajudar a resgatar!

E essa tal “polidez civilizada” (de politia + polis) que os lusitanos tiveram, apoiadas nas doutrinações jesuíticas, através da Companhia de Jesus, deixaram marcas profundas na história dos nossos povos originais, verdadeiros detentores do que essa terra de bom, pode ou poderia lhes oferecer, sendo arrancadas pelas bandeiras de apresamento no passado, como nos fatos relatados a partir da professora Deucimar e seu esposo, em nossa região; e que, hoje, ainda vislumbram na bandeira nacional os dizeres “ordem e progresso” sem ter o direito de perguntar: pra quem?

O livro A temática indígena na escola: subsídios para os professores, de autoria de Pedro Paulo Funari e Ana Pinón, dentre todos os livros citados e expostos para leitura no curso, foi o que me chamou mais atenção pelo fato de trazer os termos “aculturação” e “assimilação”,



e ainda “transculturação”, tendo assim uma boa possibilidade de trabalho didático pedagógico, possibilitando relevância na assimilação imposta aos povos indígenas, sem direito ao sertão (tapuia) e ser tão índios. Ainda mais quando se pensa nesses povos em nosso município e da total falta de registros históricos, por pesquisa ou relatos, de toda essa possibilidade, evidenciando essas imposições culturais a partir do “homem branco”. E aqui, nesse parco registro, essa amplitude se lança e se quer fazer presente para um passado ausente, mas que precisa ser retratado por um futuro de afirmação para os povos nativos, originários. A quem o protagonismo tem que se reestruturar!

### **Resultados:**

Os resultados, dentro da perspectiva que se esperava, superaram e muito os nossos anseios e desejos. Especialmente pelo fator de se estar entrando em uma questão totalmente nova e inesperada, tamanha a sua demanda, a partir do que se percebe e sente, pelo poder de possibilidades de novos descobrimentos sobre a real história dos povos nativos em nossa região. Totalmente desconhecida.

O total desamparo sobre a realidade do indígena em nosso país, tratado como um rele coadjuvante em nossa história, quando deveria ser o artífice principal, traz reflexos profundos em nossa formação enquanto sociedade e possui intenso contraste, a partir dessa premissa tão propagada pelas demandas culturais impostas pelo colonizador, em nossa constituição que foi proclamada como “cidadã” por seus promulgadores no momento de sua afirmação. Nota-se que não. Pior. Sente-se, especialmente se for um indígena.

A Proclamação da República em nada alterou a realidade dos povos indígenas já integrados à sociedade nacional. Eles continuaram sendo massacrados, e os seus territórios, devastados pelo avanço dos valores da civilização industrial. Comenta-se que, na construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil, no Estado de São Paulo, no início do século, quase foi levado ao extermínio o grupo Kaingang da região, segundo alguns estudos antropológicos. [...] Mais tarde, com a vinda da Constituição Republicana de 1891, esperavam-se mudanças na cultura política nacional, sobretudo na questão das leis indígenas. Entretanto a Carta de 1891 não avançou nas questões



dos direitos das populações originárias a ponto de omitir qualquer linha escrita nos textos constitucionais sobre a dívida histórica com os povos nativos. Ela reproduziu, mais uma vez, o conservadorismo das elites dominantes brasileiras herdado do colonialismo lusitano. (p. 617)

E essa reprodução continua a ser meticulosamente trabalhada por aqueles que detém o poder sobre as condições que determinam os afazeres legais da sociedade, enquanto nação e território. Especialmente em sala de aula. Preponderantemente, sobre o ensino ofertado ao cidadão “branco”, quiçá então àquele que possui suas origens no ancestral indígena, nativo, original.

Assim, de modo simplificado, aquém das demandas aqui necessária, pelo tamanho dessa descoberta, apresentamos o que foi encontrado nesse provável sítio arqueológico em nossa região, aos alunos da Escola Municipal Rural João Antônio Barbosa, do 4º ano do fundamental I e também o 6º e 7º anos do fundamental II, por meio de palestra, onde contei com o apoio da professora Deucimar; e ainda com dois trabalhos de campo, com visitas a propriedades rurais da região, acerca da demanda sobre o dia da água, aliando assim esse tema de preservação da natureza com a necessidade de preservar a originalidade e protagonismo dos povos indígenas, tão conectados com a “mãe Terra”.

Tamanha foi a surpresa e o vislumbre dos alunos quanto a essa situação inédita apresentada, como foi a emoção pela parte de quem construiu – constrói – essa possibilidade imensa quanto ao saber sobre nosso passado e sobre os verdadeiros protagonistas do descobrimento de nosso território: os indígenas, verdadeiros protagonistas de nosso ser.

### **Conclusão:**

A demanda sobre o assunto quanto ao método utilizado, engendrando aos temas de “aculturação”, “assimilação” e “transculturação”, tão imiscuidos na sociedade em uma entorpecente alienação contínua, superaram e muito a nossa expectativa. Assim, concluímos, e aqui ressalta-se somente quanto ao proposto, pois as possibilidades aqui são infinitas, que o que propusemos foi muito além do esperado, especialmente a partir do encantamento dos alunos ao encontrarem essa imensa probabilidade, onde o imaginário supera em muito o saber científico. E a imaginação precisa superar a inteligência e muito. E assim, precisa ser a base para a formação e construção do nosso mundo, onde aos povos nativos e ou originários precisa



ser dado o real protagonismo. E muito além do imaginário. Precisa estar em nós pelo que somos, na construção desse ser.

### ANEXOS:

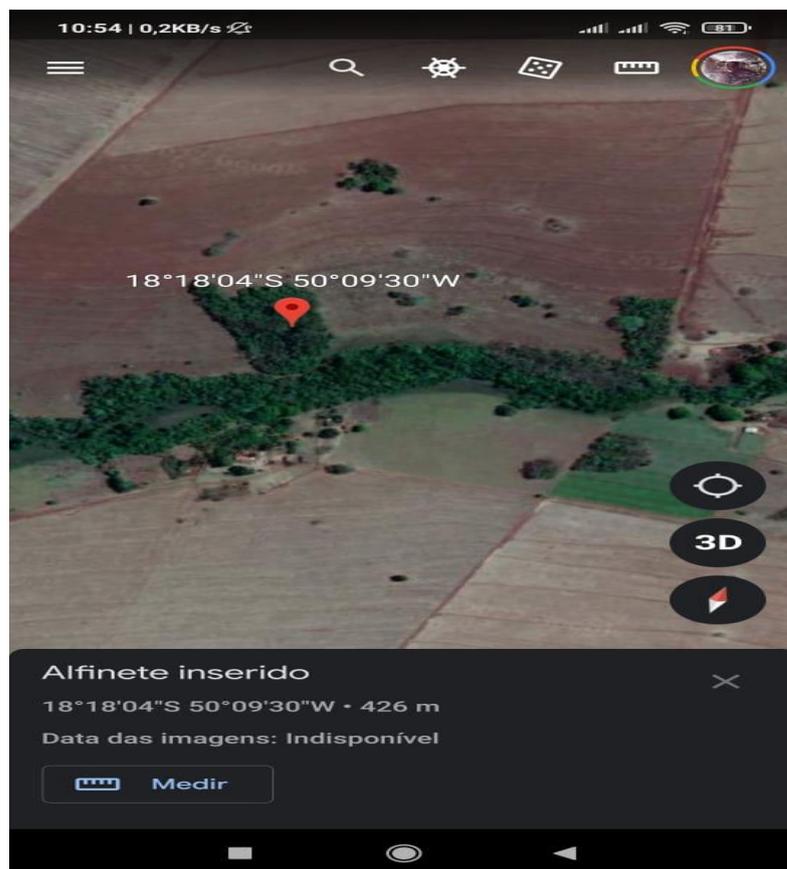


Figura 1: Coordenadas da localização do possível sítio arqueológico, na região da Sete Lagoas – Córrego bonito.

Fonte: Visita ao local, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R. Via Googleearth.





Figura 2: Professoras Deucimar e Ane Carvalho, ao lado de rochas posicionadas como um provável fogareiro.  
Fonte: Visita ao local, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R.



Figura 3: Detalhe mais aproximado das rochas no local, demonstrando uma marcação estratégica para possível local de deposição de material. Fonte: Visita ao local, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R.



Figura 4: Rochas dispostas como se fossem um fogareiro, uma trempe, para utilizar fogo no preparo de alimentos.  
Fonte: Visita ao local, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R.



Figura 5: Detalhe de um dos diversos cacos de uma forma de “cerâmica”, encontrados no local, na app do Córrego Bonito. Visita ao local, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R.



Figura 5: Professora Deucimar durante a apresentação para os alunos do 4º e 7º anos na Escola JAB. Em primeiro plano, materiais encontrados no local para exposição. Apresentação, 2022. Foto: CARVALHO, Silvio R.



Figura 5: Professor Silvio durante a exposição das imagens para os alunos do 4º e 7º anos na Escola JAB. Apresentação, 2022. Foto: SANTOS, Deucimar Ferreira da Silva.



Figura 6: Professor Silvio durante a exposição das imagens para os alunos do 7º ano na Escola JAB. Apresentação, 2022. Foto: GOUVEIA, Marcos.



Figura 6: Exposição dos artefatos encontrados durante a visita no local do provável sítio arqueológico. Apresentação, 2022. Foto: GOUVEIA, Marcos.



Figura 6: Professor Silvio durante fala para os alunos da Escola Municipal Rural João Antônio Barbosa, em visita a Fazenda Jequitibá, sobre a importância de preservar o meio ambiente e a memória dos povos originários. Apresentação, 2022. Foto: BARROSO, Noedson.



**Referências Bibliográficas:**

SILVA, Edson; SOUZA, Neimar Machado de. **Revisão bibliográfica sobre o ensino da temática Indígena.** In: SOUZA, Fábio Feltrin de. WITTMANN, Luísa Tombini. *Protagonismo indígena na história.*(Organizadores). Tubarão, SC, Copiart: UFFS, 2016, p. 255-285.

SANTOS, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Relatos orais: Professora Deucimar Ferreira da Silva Santos e seu esposo, Luciney Joaquim dos Santos, moradores da região.